

Curso de Pós-Graduação em Artes-Manuais para Educação

PRISCILA MENEGASSO

RIO INDIZÍVEL: DEVIR CORPO EDUCADORA¹

RESUMO

A escrita poética como tentativa de dizer o indizível. O interesse desta pesquisa paira sobre a lâmina espelhada do rio Indizível, percorre da foz à cabeceira, almeja adentrar a terra até o recôndito lençol. Perguntar-se-á como rastrear os percursos dos aprendizados que se alojam no soma por meio da observação e do registro poético, como reconhecer no corpo as vagas dos saberes movidas pelos fazeres manuais, na experiência da manipulação da matéria, bem como suas memórias recentes e ancestrais. A matéria e a escrita como meios de narrativização dos processos de gênese de si, de professora, de corpo, de universo.

PALAVRAS-CHAVE: Fazer manual. Escrita poética. Corporalidade. Aprendizagem. Cartografia.

ABSTRACT

The poetic writing as an attempt to speak the unspeakable. The interest of this research overflies the mirrored surface of the Unspeakable river, it runs from the river mouth to the springhead, and craves to enter the earth until the underlying water. How to trace the paths of learnings that are embedded in the soma through observation and poetic record? How to recognize in the body the movements of manual practices knowledges, in the experience of manipulating material, as well as its recent and ancestral memories? Substance and writing as means of narrating the genesis processes of self, of teacher, of body, of universe.

KEYWORDS : Manual activities. Poetic writing. Corporality. Learning. Cartography.

¹ Optou-se pela flexão do adjetivo no gênero feminino, intencionando a ênfase na existência de corpos de mulheres na produção de conhecimento, não apenas, mas sobretudo na educação. O corpo que aqui produz é, social e politicamente, mulher.

PRÓLOGO

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

CAEIRO, Alberto. *O Guardador de Rebanhos*. In: Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). - 39.²

² A pesquisa é constituída de afetos. Afetam-me a memória, as relações, a alegria. Nos tempos de curso pré-vestibular lembro-me da professora de literatura falando de Caeiro, de sua fenomenologia (que eu não entendia e ainda não entendo bem). Memória. Contando sobre a pesquisa a uma grande amiga, ela compartilha comigo uma faixa de álbum em que Maria Bethânia e Cleonice Berardinelli recitam textos de Fernando Pessoa, tratava-se do Poema IX, de Alberto Caeiro, um de seus heterônimos. Relações. Cativa-me a espontaneidade e imprevisibilidade das trocas. Alegria.

UMA EPISTEMOLOGIA POÉTICA

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante do aprender.

[...]

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenómeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

(Paulo Freire)

Você é uma arte/educadora e se depara certo dia com seu corpo exposto, um tal incidente alerta-a de como o corpo de educadoras e educadores é campo de acontecimentos. Contudo, tem o receio de que parte majoritária dos esforços formativos destes mesmos indivíduos se debruce em aspectos intelectivos, quase fazendo esquecer a existência de um corpo, muitos corpos, envolvido nos processos educativos. Receia ainda que seja possível pensar esta negligência para com o corpo como pertinente à quase totalidade das experiências humanas, quando pensa nas dinâmicas socioculturais que têm sido reproduzidas ocidentalmente.

Deter-se no âmbito da educação³ poderá ser favorável para o desenvolvimento desta investigação, a qual vem tentando se conformar já há algum tempo, repousa numa trama difusa de interesses que saltam diante dos sentidos e intrigam o desejo de conhecimento. Interesses que pairam o diáfano, o inefável, o incógnito...

desejo de mistério.

As inquietações nos movem. Reconhecemos a importância do acolhimento ao não saber na produção de si enquanto participante dos processos educativos, mas talvez haja parâmetros culturais que impõem dificuldades à incorporação desse modo de existência, tão inerente à condição humana. Saber e não saber estão atrelados a relações de poder e, recebendo julgamentos de valor, apresentam-se como índices em uma escala avaliativa do *status* de poderio

³ Ou talvez até no âmbito da constelação de entendimentos de mundo que a palavra educação desencadeia.

daquela que detém ou não um saber. Gozando ainda de maior complexidade, tal impulso avaliativo não é binário, apresentando-se como uma malha hierarquizada que organiza a imensa diversidade desses saberes, tornando alguns mais empoderadores que outros.

Atenção: aderidos a tempos e espaços indefiníveis, valores são voláteis.

E se o que chama aqui é o saber, não enquanto objeto, mas quanto aos percursos possíveis que levam o indivíduo ao modo de existência da sapiência, deparamo-nos com pelo menos dois desafios: reconhecer o não saber como condição intrínseca a esses percursos e a abertura para o entendimento de que todo percurso é válido.

percurso é presente, presença. nem antes, nem depois. durante. no durante vive a aprendizagem. da permanência do modo aprendiz.

2 CORPO SAPIENTE

O que te interessa, afinal, é a aprendizagem.

Há algum tempo você vem se sentindo insatisfeita com os processos de ensino-aprendizagem que encontrou nos seus contextos vivenciais. Trabalhando com arte/educação, fica com a impressão de que se dá importância maior ao pensamento discursivo, e a seus desdobramentos, em detrimento de outras formas de cognição. Pergunta-se: que formas outras seriam estas de conhecer o que nos rodeia, conhecer a nós mesmas? Pensa sempre no ditado popular: “é como andar de bicicleta, a gente nunca esquece!”. Em que memória vive o andar de bicicleta? Seria essa memória menos importante que as outras? Será tão prescindível assim?

Quando olha para os processos formativos nas instituições de ensino por que passou, encontra algo proporcional, lembra-se predominantemente sentada em uma cadeira com estímulos visuais e sonoros não muito variados. Seu corpo era convocado, basicamente, a ver, ouvir e escrever. Às vezes também desenhava. Vale lembrar que você tinha maior autonomia no que desenhava do que no que escrevia. Mais tarde, nas graduações, encontrou algumas dispersas possibilidades que seguiam em outras direções, sobretudo quando tinham na experimentação matérica o foco da aprendizagem. Mas não se falava muito sobre isso. Observando quem você se tornou, tudo o que hoje conhece, nota que muito disso não aprendeu ouvindo uma professora ou um professor falar, ou copiando cada pormenor das anotações dos quadros em seus cadernos. Aprende-se também com tudo que essas e esses profissionais não dizem, com o que falam e fazem outras pessoas integrantes da comunidade escolar, com os aspectos e as disposições dos espaços na escola ou na faculdade ou no centro de cultura ou em casa ou em hospitais, com cheiros e temperaturas e

luminosidades, com os deslocamentos dentro e fora desses lugares, com olhares... mas esses conhecimentos você não encontra em seus cadernos.

Viverão esses saberes próximos ao andar de bicicleta?

Surge o desejo, a obsessão irrefreável de falar sobre corpo.

corpo. corpo. corpo.

Na estatística fictícia, 7 em cada 30 palavras eram corpo.

A hipótese era de que naquele contexto ninguém estava a falar sobre a ferramenta principal da educadora, deixando, assim, seu corpo vulnerável, como já foi dito, exposto no esquecimento. Se “o corpo é o veículo do ser no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122), como podemos não falar sobre? Mas também, o que há para se falar sobre o corpo? Tendo o corpo de educadora e de educador como lugar de acontecimentos e atravessamentos, como corpo exposto, corpo da experiência, instrumento e suporte de vivências, a constituição de um modo de ser educador não poderá prescindir da corporalidade presente.

Siamesa a essa inquietação foi uma certa desconfiança no paradigma cartesiano⁴, supondo a predominância massiva de um pensamento racional, lógico, na formação dos indivíduos e nutrindo especial curiosidade por outras maneiras de nos relacionarmos com o mundo, buscando valorizar e reconhecer outros processos de cognição. Se há grande preocupação com o intelecto, com a assimilação de conteúdos, é necessário que haja também atenção às outras instâncias que perpassam a atuação de educadoras e educadores, como a flexibilidade diante dos imprevistos, a agilidade na percepção de outros corpos, a disposição atenta aos estímulos, para citar alguns exemplos.

O sentimento era de urgência quanto à necessidade de preparar o corpo, em suas instâncias somáticas, para o acontecimento performático⁵ que é a atuação de educadoras e educadores, procurando atentar para processos formativos que propunham uma ênfase nesta via de aprendizado e/ou experiência que é acessada pelo corpo, em sua materialidade e sensibilidade, reconhecendo o soma como fonte e receptáculo de saberes. Isso se torna um terceiro desafio, à

⁴ “Para esse pensador, a razão pura, ou seja, aquela que consegue se libertar da influência dos órgãos dos sentidos, é a única fonte do conhecimento” (MENDONÇA; NEIMAN, 2003, p. 23).

Vale pontuar: o que se quer dizer com a adjetivação “cartesiano” é um pensamento contemporâneo associado à lógica e à razão, resultado de um processamento duradouro da obra de René Descartes no contexto ocidental, o qual chegou até nós, hoje, no início do século XXI.

⁵ Do inglês *to perform*, ‘alcançar’, ‘executar’; do francês antigo, *parfourmer*, ‘cumprir, acabar, concluir’, de *former* no sentido de ‘formar, dar forma a, criar’, do lat. *formāre* no sentido de ‘formar, dar forma’ (Dicionário Houaiss); performático entendendo o ato pedagógico como uma ação que se desdobra no tempo e no espaço, tendo no corpo da educadora e do educador o principal meio de conexão com o mundo.

medida que trata de aspectos da percepção e do conhecimento que não necessariamente são conscientes e, por isso, verbalizáveis.

Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E quem sabe para que necessitará o teu corpo precisamente da tua melhor sabedoria? (NIETZSCHE, 1883/2008).

Presente. Encontro-me aqui, acabo de chegar na estação, repouso minhas malas no chão para recompor os trajes que se amarrotam nos deslocamentos. Sinto frio. Faz sol.

NÃO SABER. Fazer perguntas.

“Como desenvolver e perceber conhecimentos não rastreáveis pela inteligência?

Como lidar intelectualmente com aspectos que se manifestam em outro locus corporal?

Como criar um espaço reconhecido para o não visível?

Algumas possibilidades:

- Exploração de atividades que envolvam experimentação [a motricidade e a sensibilidade do corpo, embate com a materialidade do mundo, a liberdade criativa e poética] e observação;
- Contação de histórias e jogos tradicionais como recursos que acumulam e concentram muitos estratos do conhecimento ancestral;
- Brincadeira, imaginação [e poética] como formas de conhecer ao mundo e a si mesmo”⁶

Não há processo investigativo sem perguntas. Muitas vezes elaboramos infundáveis perguntas na tentativa de alcançarmos uma pergunta estrutural, aquela que perpassa cada uma das instâncias da curiosidade dirigida a um ponto específico de nossa relação com o mundo. E se não há processo investigativo sem perguntas, o que esperar de um mundo que nos desestimele a fazer perguntas?

Observando-se muitas das práticas pedagógicas, o movimento da aprendizagem se dá no sentido de encontrar respostas, mais do que criar as perguntas. Estamos incansavelmente procurando responder perguntas que não nos pertencem, perguntas que já foram associadas a certas respostas e, então, sequer precisamos pensar que outras possíveis respostas existem. Nesse jogo do ligue os pontos para aprender, montamos um quebra-cabeça antigo, o qual só possui uma

⁶ Notação do caderno: na gestação dessa pesquisa, essas foram algumas das perguntas que circundavam o mistério, a “inquietação indagadora”, como propõe Freire (1996), e também algumas das possibilidades de percursos para investigar, para efetuar essas perguntas na existência.

forma de montar. O que esperar de um mundo que nos desestimule a enfrentar perguntas sem respostas?

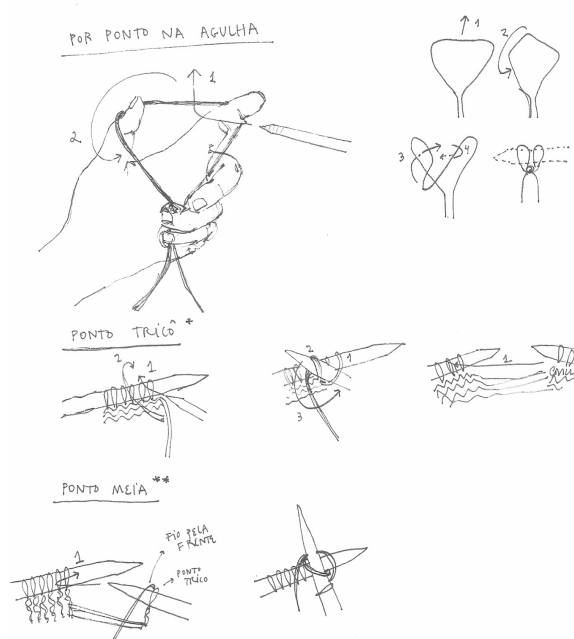
O não saber é a singularidade de onde, de repente, surge um universo. É uma potência concentrada na possibilidade do desconhecido, é nada e ao mesmo tempo já é tudo. O ponto de partida de um percurso, de um durante, de um presente, da permanência do modo aprendiz. Como nos encontramos no mundo. É lamentável pensar que uma forma tão própria de sermos seja rechaçada, que tenhamos sentimentos de vergonha e insegurança diante de tamanha abertura para os possíveis e, por isso, fujamos desse lugar, atando o não saber à primeira resposta que se apresente, que seja aceita por nossos pares. Mas o que acontece se permanecermos? Se abraçarmos o percurso-presente-aprendiz e, de dentro, observarmos cada uma das curvas, dos matos, dos cheiros, dos ruídos do caminho?

E então, novamente, corpo. O corpo era a fenda de que se precisava, porque os saberes do corpo não se anotam em cadernos.

Deite-se no chão com a barriga para baixo e estique os braços pelo comprimento do tronco. Dobre as pernas na direção das nádegas e com as mãos segure os tornozelos, puxando com força para que as coxas se descolem do chão. Permaneça durante cinco ciclos de respiração.

Imagine uma instrutora ou um instrutor de yoga ensinando verbalmente o Dhanurasana.

Essa notação-desenho foi feita para não esquecer os ensinamentos de Dona Eda, avó de Henrique, quem me ensinou a diferença entre “ponto meia” e “ponto tricô”.



Podemos anotar instruções das mais variadas maneiras, mas *Dhanurasana* ou “ponto tricô” são acontecimentos no corpo, aprender a fazer essa postura ou um cachecol só acontece quando o corpo é colocado em movimento. A anotação, nesse caso, é uma forma de tornar possível a experimentação de um saber do (no) corpo, e na execução, na materialidade, algo acontece nesse corpo, um processo de aprendizagem outro.

E se é dizível a instrução de como podemos buscar a experiência do aprender corporal, já não é factível o encontro de respostas prontas. “El secreto, por lo demás, no vale lo

que valen los caminos que me condujeron a él. Esos caminos hay que andarlos”⁷, alertou-nos o etnógrafo de Borges (1997). É preciso fazer para aprender fatura, e enquanto fazemos com o corpo, o que acontece conosco? Por onde passam as ondas da aprendizagem? Como se fixam nas células esses saberes? Mistério.

PORVIR. Parece que pulsa, então, a vontade de produção, observação e registro poético como tentativa de rastrear e externalizar parte dos processos que envolvem a aprendizagem por meio dos fazeres manuais. No que tange à produção, interessam as escolhas e os símbolos recorrentes como indícios de nós mesmas, aberturas para o autoconhecimento. A observação como forma de explorar outras maneiras de existência propondo desvios desautomatizados e desacelerações, confiando na percepção sensual e intuitiva. Registrar é o esforço de tornar visível e, no caso, desafiar-se a tornar dizível, um dizer que se permita por vezes despreocupar com uma cadência lógica e sistemática, que almeje desvelar sem romper com a magia e o mistério da complexidade humana. Este é um pensamento imaginativo. Do pensamento imaginativo nasce a ansiedade de conhecer as possibilidades do desconhecido.

Alguns instantes após o trem partir, levando as pessoas remanescentes em seus vagões a seus próprios destinos, confiro o rascunho da rota para alcançar a nova morada, agarro minha bagagem e sigo pelas ruas de pedra, por cujas frestas às vezes nascem montinhos de verdura.

⁷ Em tradução livre, “O segredo, aliás, não vale o que valem os caminhos que me levaram a ele. Esses caminhos há que caminhá-los”.

3 IMAGENS POÉTICAS

Parece que existe no cérebro uma zona específica, que poderíamos chamar memória poética e que registra o que nos encantou, o que nos comoveu, o que dá beleza a nossa vida.

(Milan Kundera)

Por baixo desse prelúdio todo correm águas, ininterruptamente correm águas do rio Indizível. Esse rio soa como uma entidade, sagrada, que ocupa todos os espaços vazios subterrâneos de água límpida e fresca, potável, útil no sentido mais primordial da palavra, água que limpa ferida, hidrata todo o corpo, acolhe o parto.

A chuva do rio Indizível hidrata a terra fértil, da terra germina o broto, com as mãos se faz a colheita.

O QUE NÃO SE ENTENDE

Quando começamos esse caminho não sabia nada, mas já sabia tudo, tudo o suficiente. Lançar as redes em um rio indizível é pescar algo que se sabe, mas não se diz, então não sabe que se sabe.

Como fazer as redes para pescar no rio indizível? Do que são feitas essas redes? O que fazer com o que se pesca?

A imagem da pesca com rede apetece. Da manufatura dos nozinhos que tornam a *compridice* do fio em superfície vasta, ampliação dos braços, abraços. Do lançar com as mãos que trabalha o corpo em sua integridade, exige a técnica, a tensão minuciosa de cada parte. Do colher manualmente cada preciosidade agarrada, reorganizá-las, limpá-las, prepará-las. Os saberes das mãos, do corpo, são habitantes bojudos no rio Indizível. Há algum tempo essas espécies têm atraído minha atenção, intrigado a razão. Onde se alojam?

Desejo de fazer com as mãos. De onde vem este impulso? Impulso esse que nos proporcionou outras relações, outras formas de entender as coisas. Entender com as mãos.

_ Deixa eu ver...

_ Mas se vê com os olhos.

Os olhos da pele⁸.

Talvez a manipulação seja uma mola propulsora do raciocínio, talvez a existência de uma conexão neurológica direta entre mão e cérebro seja a essência da humanidade.

Mexer com as mãos é uma forma de pensar. Meu pai é um inventor ingênuo⁹. Sempre que pedia ajuda para resolver algum problema material, e não houve vez em que tenha falhado, lembro-me de vê-lo analisar a situação com as mãos, experimentar um aperto aqui, uma estirada ali, girar por todos os ângulos necessários, depois de algumas pausas, ensaios de possibilidades, finalmente, a solução brota. Gosto de imaginar como a pessoa que fez pela primeira vez o “ponto tricô” segurava as agulhas, prendia a linha, quais eram as expressões em seu rosto, quais foram os pontos experimentados antes desse nascimento. De imaginar que enquanto essa pessoa criava uma maneira de tramar o fio, em outra parte do globo outra pessoa encontrava a mesma oportunidade, cada uma à sua maneira, mas de uma essência humana admirável. Imaginar que cada movimento-pensamento banhou de eletricidade as incontáveis células de um corpo, e que desse banho se fez memória, e da memória o ser no mundo aprendiz, banhado.

São esses, os saberes da ingenuidade, que me interessam.

⁸ Referência à obra de Juhani Pallasmaa intitulada “Os olhos da pele” (1996).

⁹ Pensando no conceito de criatividade ingênua de Freire (1996).

SÍMBOLOS QUE CONTAM SOBRE MIM¹⁰



Quem pode dizer onde nasce e onde deságua um rio Indizível?

O que brota nas margens do rio Indizível?

O que acontece quando alguém cruza num mergulho o rio Indizível?

Dizem algo os peixes do rio Indizível?

Cada uma das imagens poéticas que nos afetam importa.

As memórias de nossas experiências em composição com os sentidos perceptivos ativos no momento presente moldam as lacunas constantemente preenchidas por nossa maneira de apreender o mundo, e se nos permitirmos fluir o fluxo de nossos rios indizíveis, se confiarmos que todo rio sabe seu caminho, a abertura das barragens poderá nos presentear com movimentos poéticos que nos contam sobre cada um dos meandros desse curso.

¹⁰ A fotografia foi produzida com o intuito de sintetizar os produtos materiais que têm narrativizado minha cosmovisão nos últimos anos, trazendo possibilidades de observação das escolhas dos símbolos e das matérias.

Escrever: tentar meticulosamente reter alguma coisa, fazer alguma coisa sobreviver, arrancar alguns pedaços do vazio que se abre; deixar, em algum lugar, um rastro, um traço, uma marca ou alguns signos.

PÉREC, George. Espécies de espaço. 1974.¹¹

A memória da alvenaria

(ou a gênese da imagem de um rio Indizível)

Pouco após essas cartografias, brotaram ideias nos galhos um pouco ressequidos pelo inverno por que tem passado a pesquisa, anunciando uma nova estação, talvez toda a energia acumulada, se bem cultivada, floresça. Apesar de algumas conexões se consolidarem, a preocupação e a desconfiança de que, a princípio, fossem exagero, expectativa. Mas, na aceitação dos fatos, percebi-me pedindo para deixar fluir o fluir das águas, para confiar nos símbolos que a gente constrói quando nos construímos a nós mesmas.

Um símbolo forte para mim nos últimos anos, o *homem-genérico*¹², de repente se explodiu em sentido nesta pesquisa em educação. Símbolo que não sei nem dizer ao certo de onde vem, pois vem do indizível que banha o meu estar no mundo. Esse mesmo regato banhou a mão no tijolo, a mão no barro, a mão no corpo, a mão na escrita. Banhará onde quer que for, e da lambida das águas serão irmãs.

Além de perguntar o porquê desse símbolo, no sentido arqueológico, abraço o para onde com esse símbolo. O que esse símbolo, que sou eu, pode mostrar? O que pode ensinar a minhas mãos? Primeiro a experiência do símbolo.

Enquanto escrevo este texto imagens atravessam. As linhas quase paralelas que materializam esse rio chamado Indizível... esquemas visuais com traços finos de bico de pena que tanto me interessam, que tanto me contam. Perguntas.

¹¹ Essa citação foi apropriada a partir de sua apresentação em um dos *slides* de Gisela Bergonzoni para o curso *O Espaço da Escrita*, ministrado no Instituto Tomie Ohtake entre 20 de agosto e 24 de setembro de 2018.

¹² *Homem-genérico* é uma série de esculturas produzidas em cerâmica a partir de um interesse combinatório entre a ideia de padronização da existência humana, a reprodutibilidade e suas contradições e a ancestralidade do barro.

SOBRE INTUIÇÃO

Fazer, confiar e deixar ir...¹³

Peguei-me desconfiada da minha própria intuição! Venho pensando como cada coisa que escolhemos, cada caminho que seguimos nos conta sobre nossos processos de entendimento de mundo. Venho pensando também como os produtos de minhas mãos contam-me coisas sobre mim mesma que não estavam à superfície, sutilezas fundantes, contam os caminhos das águas nas raízes mais profundas do eu.

O *homem-genérico* me cochichou esses dias que muito me interessa pensar como se dão as negociações entre a existência única e inclassificável dentro de um sistema de valores e a existência que se deixa possuir pela norma padrão. A ilusão de aniquilação de esquisitices e excentricidades por meio da convenção de algumas esquisitices mais certas que outras.

Abriu-se para mim uma portinha minúscula do chão, de onde emana luz intensa e amarela. Aperto os olhos para atenuar o brilho, curiosa com o que se desvelará por detrás desse feixe cintilante. Talvez ali jazem minhas mais preciosas esquisitices, que intuitivamente escondi nesse espacinho poético para depois revisitá-las. Ah, Bachelard¹⁴... essa portinha no porão manteve-me quente do calor da terra.

Quando falamos de processo, evocamos algo acontecendo em uma duração de tempo. Quando falamos de aprendizagens pelo corpo, podemos criar imagens de um processo que percorreu célula a célula, pacientemente.

Hoje presencio ondas vibráteis de uma memória de anos atrás, quando peguei o tijolo nas mãos e senti seu peso, sua força. Ainda percebo meu corpo no processo de aprendizagem que só uma matéria no embate com outra pode disparar. E é nessa vibratilidade que meu corpo acessa e passa a transmitir um saber ancestral, que estava compactado em cerca de 2 kg de barro queimado.

¹³ O que o chamado dos nossos ciclos também pode nos ensinar?

¹⁴ Tão transformadora foi a possibilidade de acompanhar um grupo de estudos da obra “A Poética do Espaço” (1993) de Gaston Bachelard, no Instituto Tomie Ohtake, entre 07 de março e 20 de junho de 2017. Conduzido por Nichan Dichtchekean, professor de Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica, o grupo abriu imensos olhares sobre a poética de Bachelard e sobre mim mesma.

A matéria barro

Tijolos que criam redes I

Estou dentro e estou fora.

Estou no fundo, em um canto.

Poderia dizer que fujo do frio, mas não seria verdade, há tantos lugares calorosos que não este.

Acosto-me numa parede de tijolos, a terracota presente nas pernas, sustentação. Não entendo nada, mas entendo tudo (se quisesse). Nossa razão se abstém de compreender tudo a todo momento, seria insuportável, não haveria vida, só processamento.

Uma parede de tijolos não deixa de ser quando rebocada, pintada, vestida. Mas não podemos também dizer que é.

O que é o fascínio pelo desvelamento dos tijolos?

A cor, sem dúvida, nutre. Mas há ainda a textura, a malha, os pontos. Rede.

Duas redes sobrepostas. E de repente mais outra, e outra. Todas as redes conectadas até o solo, e depois nas entranhas da terra. Terra.

Tudo é terra. Cura. Que possíveis isso abre?

A memória do bordado

Aprendi a bordar ainda criança.

Puro entretenimento de crianças em férias na cidade do interior. Lembro-me do tecido engraçado, um tanto duro, do bastidor redondinho de borracha, das revistas com seus ensinamentos (as anotações). O verso do bordado de minha tia era muito diferente do meu e por mais que eu tentasse sempre alguma coisa saía em desalinho. A sensação prazerosa de escolher a cor das bolas do sorvete bordado em ponto cruz e de escolher bordar um sorvete. Fazia muito calor nas férias de dezembro.

Ponto cruz. Estranhava os degraus que surgiam nas formas bordadas, a linha de contorno ajudava a arredondar o sorvete que escorria. A escolha do preto fazia lembrar mesmo o hábito da linha desenho. Bordar e desenhar.

Esses paninhos ficaram junto a memórias de infância, com os desenhos que muitas vezes deixamos de fazer quando crescemos e se acumulam em pastas e cadernos nos armários

para um dia relembrarmos surpresas o quanto éramos criativas. Paninhos com bordados, papéis com desenhos.

Tempos depois, vivendo um desejo intenso e prolongado de fazer com as mãos, de colocar no mundo por meio da manipulação, na convivência com uma grande amiga retomei o fio, aprendi a tricotar e crocheter, ensaiei a costura, miçangas e contas. Como um encerramento desse ciclo, depois de ter precisado migrar da teoria para o canteiro em uma pesquisa sobre alvenaria, entendi que saber alvenaria não se compõe em números e palavras, é a partir de peso, textura, técnica, jeito, que se aprende. Curiosamente, alguns meses depois estava eu a bordar, novamente o ponto cruz, casinhas e chaminés de alvenaria, um desenho dessa mesma amiga.

Costurado. Está tudo alinhado em nossa existência e nós mesmas é que somos a linha. O mesmo fio que entra de um lado do tecido, se embrenha em nozinhos do verso, registra percursos para um lado e para o outro, para o dentro e para o fora. Cada escolha que fazemos conta sobre quem somos, se deixamos fluir os desejos espontâneos. Bordar, para mim, sempre foi um paninho sem fim, a existência dele é o bordar, e não o bordado.

A matéria fio

Bordar vida.

No metrô, no meio da multidão, a mulher costura. Do tecido dourado nasce o coração. Mal sabem que do piegas brota a revolução.

Enganar. Desviar.

Disfarce.

Fala de coração nas ruas, mas sabe que fala mesmo é de seu prazer, da sacralidade de seu prazer, da força do seu prazer.

Mestra absoluta do seu prazer.

profundezas

Há muito tecido também, das mais variadas cores, texturas, estampas... Às vezes passo mais tempo olhando os tecidos que manipulando-os, ou costurando-os. Acho bonito aquele monte de rolos de tecidos organizados cromaticamente, mas a vida é a bacia de retalhos, naquele bololô¹⁵, onde tudo interessa e nada interessa

¹⁵ Referência à Professora Mestra Marcela Carvalho, quem ministrou uma aula no Curso de Pós-Graduação em Artes-Manuais para Educação, módulo de setembro de 2018, e é autora da pesquisa de mestrado *Comprida história que não acaba mais: do tecer ao texto e vice-versa*, apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2014.

e, de repente, se vê uma pontinha que brilha, a mão agarra e puxa. Pode ser que não era bem o que se esperava, mas tem vida demais no mirar-agarrar-puxar. O que é preciso a um tecido para que ele seja resgatado? Há tecidos que vão ficando cada vez mais no fundo do monte? Ficariam esses tecidos tristes? Ou esperariam pacientemente a mão que os procura lá nas profundezas do mar dos panos?

ATO 2

Vida é risco. O próprio paninho já dizia e, num devir premonitório, descolou-se de seu suposto fado. Um grande drama de como realizar algo, um convite ao transeunte para que faça com as mãos. Se eu contasse, ninguém acreditaria em todos os metros que cabiam naquela pequena bolsa. Qual a autonomia de toda história contada por aqueles objetos interligados pelo fio? No fim das contas, cada instante que vivemos é um objeto perdido, disperso, difuso na experiência, e o incômodo da perda de um objeto talvez seja a dor de todos os momentos vividos, concentrados, num único ponto.

FUSO. fazer seu fuso

Da distração nascem as surpresas.

Em algum momento me distraí e quando despertei havia uma ripa comprida. C x A x L.

dois dos sentidos são bem menores que o terceiro. Faltou o tubo, também comprido. Qual é o lado do cilindro?

Da unidade nascem três, duas iguais. Entre o um e o tripartido, o serrote.

Empunhar um serrote, sinto o peso da matéria, meus músculos, cuidado o dedo, pisa com o pé, segura com a mão, roc, roc, roc, será o serrote grande, -----, está quase, pode ser que nasça um calo, o duro e o mole, o duro, se vou mais rápido, caramba, o som, flui mais como o esperado, vou descansar um pouco, às vezes enrosca, que ansiedade é essa?, está entortando, paf, a satisfação do êxito.

Depois da peça pronta vieram os carinhos. Com uma lâmina de um canivete – que tinha tantas possibilidades a tornar um peso – fui lascando os vivos, o desejo de voltar ao seu orgânico, às curvas sutis e gentis ao toque da mão, que é feita de curvas também.

Um encaixe da perfeição.

A transformação da matéria impressiona, alegre, preenche.

Já entoei algumas vezes na vida que tenho *déficit* de atenção e uma generosa amiga ensinou que às vezes a concentração existe, mas não está onde se mira. Desbastar a ripa me apresenta um estar baseado na concentração.

Con.cen.trar.

A palavra tem movimento em sua cadência, eu vejo todas as linhas radiais sugadas de volta ao seu mesmo ponto de origem.

Essa imagem também sugere um alinhamento dos fluxos.

Todos os barcos saíram do cais e eu não sei voltar aí. P.43¹⁶

Pressa e preocupação. Ao mesmo tempo que a ferramenta não é a mais familiar, pode sangrar, a ansiedade cultivada em todos esses anos de existência, o desejo pelo instantâneo, a falta de paciência para com a curiosidade.

Não quero levantar barricadas do medo do medo.

Eu estou vestida com as roupas e as armas de Jorge

Que frutas temos plantado, se caem abacates enquanto lavamos a roupa?¹⁷

Estamos todas muito apreensivas com o porvir, mas essa é a condição humana, no fim.

Nada mudou. Tudo mudou.

Tenho pensado na palavra SONSA. Dar de louca. Talvez tenhamos tido sempre essa fama intencionalmente? Talvez tenhamos nos feito de sonsas todo esse tempo, para viver, para sobreviver?

A casa é o último reduto da segurança, se dorme na casa, dorme-se apenas diante daquelas em que se confia. Permaneceremos na casa, mas ocuparemos a casa. Salvaremos a poesia.

Costuraremos armaduras para quando sairmos às ruas.

Manteremos acesas as chamas que aquecem a alma, e um dia, em breve, atearemos fogo.

Uma pequena chama guarda o INCÊNDIO.

¹⁶ As investigações nas escritas têm se permitido explorar fagocitações de escritas (ou falas) do mundo, retalhos descolados de suas origens, vagando livres pelos espaços textuais (e orais), compondo novos tecidos, recebendo novas oportunidades de existência, como é o caso desta citação fluida no espaço-tempo de minha caderneta.

¹⁷ Estas três últimas frases complementam as fagocitações, coletadas pela escuta, tendo sido recitadas ou cantadas, palavras vento ouvidas e materializadas em tinta-papel, com “autórias” em camadas: a da escrita, a da fala, a da concepção. Complexidades.

A memória da escrita

Você observa a marca da ferida de quando, na graduação, diante do texto escrito com o maior envolvimento literário que já havia experimentado, não se sentiu ouvida no que dizia, se era pertinente ou não, disseram-lhe apenas “não se pode escrever assim, escreva assim”. Por muito tempo, então, estive condenada a habitar um restrito curral da escrita, o sequestro de seu devir escritora.

Passados os anos, no exercício da intimidade, foi possível encontrar o seu modo mais próprio de ser no mundo por meio das palavras, e no caderno preto de folhas sem pautas escrevia coisas sem sentido, que mais illogicamente preenchiam de sentido a vida.

Escrever como forma de aprender. A escrita com as mãos é também um fazer, um desenhar, um tramar. Às vezes (ou para sempre) nos distraímos das aulas de desenho que são o exercício de caligrafia, concentrar todo nosso esforço de equilíbrio e controle na ponta dos dedos. Segurar a agulha de crochê pode não se afastar tanto do posicionamento de um instrumento de escrita. Fazer com as mãos, movimento, tempo, processo. Quando damos ao pensamento e à memória outro corpo, uma matéria grafite ou tinta no papel, como a linha no pano, produzimos, e produzindo criamos um modo de entendermos o mundo, um outro processo de cognição, pelas mãos.

Existir é rio, é fluxo ininterrupto, indizível. Registrar é trama, é rede de captura, adensamento. Escrever como tecer a rede de pesca, criação de recursos para o recolhimento de elementos que nos indiquem sobre os fluxos das nossas águas indizíveis. Essa malha textual, que foi tramada desde o mais dentro, permite que se produza e se reconheça enquanto produz vida, em uma cartografia constante de afetos no corpo, nas escolhas das palavras, dos símbolos, e esse reconhecimento é tamanha força que, muitas vezes, aprendemos algo novo lendo a trama de nossas entranhas, reconhecendo também uma eu-outra. Somos muitas outras.

eu me entendo quando me leio, mas não sei dizer!

O que interessa no texto é a leitura, é quando a voz falada ou a voz pensada incorpora aquilo que alguém colocou no mundo.

as histórias...

Para contar uma história é necessário corpo. Para lidar com a matéria é necessário corpo. História é matéria. Histórias são muitas matérias. Intrigam as histórias que tenho contado, com lápis, com tinta, com barro. Cada matéria conta uma história, quero ouvir as histórias do fio. Fio me conta sobre rede, sobre trama, sobre conexões, e isso tem sido um chamado, mas quero ouvir ainda mais essa história. Texto também é fio, também é história, também é matéria, ou, talvez, é o índice da matéria, é tão transubstanciação como o desenho, a pintura, a cerâmica, o bordado.

A matéria texto

Senti o desejo de escrever, mas antes... PAGAR BOLETOS. Que potência de vida é essa? A do "pagar boletos"? O que ou quem faz com que essa seja a prioridade? Quanto do desejo de escrever se gasta pagando boletos? Sem contar todos os outros desvios... a falta de silêncio... Sem contar também o julgamento "mas escrever para quê?" Papéis e mais papéis. Minutos e mais minutos. O desafio de confiar que há movimento na escrita. Acredito.

Escrever é ficar confuso que desenrola. Pode ser dizer tim tim por tim tim de uma cousa e virar outra... porque não há tim tim por tim tim. Eu já nem lembro por que é que discutimos. Receio que fosse outra necessidade que eu não soube dizer. E na essência está alojada sempre a incerteza – como lidar com tal condição *sine qua non*? Como, ao invés de lutar, acolher, ou colher, ou até plantar sementes de incerteza? Ontem, depois de tantas tentativas, assisti "O Abraço da Serpente". Disse alto: "Não sabemos de nada", admirada com a conexão que não sinto mais em mim, com o meio, com o todo, com o fim... aquilo acessou algo dentro! Mas tem o acolhimento do não saber, do incerto, do não saber se sabe, como sabe e até o que sabe, mas seguir, escolher na incerteza certa. Ouvir. Pensei agora, somos extremamente visuais, "ver para crer", mas no além disso tudo é ouvir que precisamos. Ouvir carrega expansão, ouvir se emancipa dos ouvidos, você pode estar de costas e ainda ouvir o que te ronda, o campo da audição é total, esférico... por que privilegiar a visão que tem suas angulares tão definidas? Os olhos da pele... mas os ouvidos da pele.

Ouvir é tato, é pressão. Quando falo, produzo vibração... meu eu toca o outro.

Qual a diferença da conexão entre o vibrar da fala e o da luz que reflito? A luz já tem sua vibração.

A pele, o maior órgão do corpo.

Tijolos que criam redes II

Quando escrevo tiro uma lasca do mundo, guardo em um diário. Quando a lasca volta ao seu lugar exposto, não é exatamente a mesma, nem o mesmo.

E se eu escrevesse um dia inteiro? Tudo que me vem à ideia? O que aconteceria com o texto? O que aconteceria comigo?

Escrever pode ser também enterrar. Sou arqueóloga da escrita. Escrevo e enterro, de tempos em tempos faço sondagens, prospecções, esbarro em ossadas, em tesouros, em lixo, em utilitários desutilizados, em fundações de edifícios sobrepostos por outros.

Enquanto arqueóloga não revivo as coisas. O que acontece se eu canto minha canção dos ovários, se danço para que se encarnem as ossadas que se queira reviver?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso deste trabalho melhor aparenta mesmo como o rio, cheio de meandros e afluentes, suas magias e ecossistemas. O não dizer deixa turva a água, dificultando o entendimento do que se aproxima de nós nesse mergulho, mas nos convidando ao aguçamento de outros sentidos (da percepção e das direções), incitando a busca por ferramentas outras. Esse mergulho é um ato de insatisfação por encontrar na formação da educadora muita ideia e pouco corpo, mas na atuação, corpo, corpo, corpo, corpo.

Acolher as aprendizagens pelo corpo não como fórmulas, mas como formação de capacidades diante do mundo, diante de outras pessoas, no fazer pedagógico, é reconhecer a necessidade do cuidado com o meio pelo qual se dá preponderantemente a atuação da educadora. O corpo que faz manualmente, aprendendo muito mais do que a técnica, experimentando modos de ser, pode ensinar à educadora sobre si mesma, sobre sua prática, sobre o meio em que vive e a interface que o toca.

Interessa que esse cuidado de si por meio da não negligência do corpo, o ponto focal desta pesquisa, não seja restrito às disciplinas das artes, mas que inunde toda a comunidade pedagógica nos diversos níveis de ensino e, ainda, as e os estudantes para que abarquemos os processos de aprendizagem em cada um dos sulcos da experiência humana, tendendo à superação de um espaço único delimitado física e socialmente ao aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Jorge. *Él Etnógrafo*. In: *Elogio de la sombra*. Buenos Aires: Emece Editores, 1997. Disponível em: <<http://faculty.cord.edu/gargurev/etnografo.html>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.
- FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. In: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, pp. 23-28.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. O Paradigma Cartesiano. In: *À Sombra das árvores: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse*. São Paulo: Chronos, 2003. p.21-31
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Editora Escala, 1883/2008.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *A Terra e os Devaneios da vontade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? In: *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008.
- DIAS, Rosa. Nietzsche, vida como obra de arte. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.
- GRAVATÁ, André; IANAE, Daniel. *Mistérios da Educação*. São Paulo: Movimento Entusiasmo (Org.), 2018.
- LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, jan./abr. 2002.
- _____. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n.28(2), p.101-115, jul./dez. 2003.
- MEDEIROS, Fábio H. N.; MORAES, Taiza M. R. (Org.) *Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.
- RICHARDS, Mary C. *Centering - In Pottery, Poetry and the Person*. Middletown: Wesleyan University Press, 1989.
- SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. São Paulo: Veneta, 2017.
- SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais na sala de aula - um manual para o professor*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- TARJA BRANCA. *Direção de Cacau Rodhen*. São Paulo: Maria Farinha Filmes: 2014.

MINIBIO

Concluí uma graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), mas venho explorando diversas possibilidades de ser e estar no mundo. Atuei nas áreas de conservação e restauro de edificações, projeto em arquitetura, assistência a artista, ilustração, design e artes. Estou por concluir, também, uma graduação em Artes Visuais - Licenciatura pelo Centro Universitário Claretiano conjuntamente ao Curso de Pós-Graduação em Artes-Manuais para Educação pela Casa Tombada. Tenho percebido a educação como um lugar privilegiado de integração das coisas, de encontros de pessoas, ainda que com diversas restrições. Integro a equipe de Ação e Pesquisa Educativa do Instituto Tomie Ohtake e atuo como arte/educadora e como artista multidisciplinar, com pesquisa pessoal voltada para a experimentação das artes manuais, digitais e suas interseções, atenta aos saberes tradicionais e ao corpo como receptáculo desses saberes.